

Desaparecimento de jornalistas em Cabo Delgado

Rede Moçambicana de Defensores dos Direitos Humanos diz que Governo deve reforçar medidas de segurança das populações

Maputo **Canalmoz** – A Rede Moçambicana de Defensores dos Direitos Humanos considera a destruição da Rádio Comunitária “São Francisco de Assis”, durante um ataque terrorista realizado no dia 31 de Outubro, no distrito de Muidumbe, e que obrigou à fuga de nove jornalistas para as matas, um atentado contra a segurança e integridade física dos jornalistas e um revés no exercício do direito à liberdade de imprensa e do direito à informação.

“Além de atentar contra a segurança e integridade física dos jornalistas, o ataque contra a Rádio Comunitária ‘São Francisco de Assis’ representa um revés no exercício do direito à liberdade de imprensa e do direito à informação”, lê-se num comunicado da Rede Moçambicana de Defensores dos Direitos Humanos, datado de 15 de Outubro, a cuja

cópia o **Canalmoz** teve acesso.

A Rede Moçambicana de Defensores dos Direitos Humanos apela ao Governo para reforçar as medidas de segurança e protecção da população de Cabo Delgado, particularmente dos jornalistas e outros cidadãos que ainda se encontram nas matas, fugindo dos ataques terroristas. “As autoridades devem ainda manter os moçambicanos devidamente informados sobre o que realmente se passa em Cabo Delgado”, pode ler-se no comunicado.

A Rede Moçambicana de Defensores dos Direitos Humanos manifesta a sua solidariedade para com os jornalistas da Rádio Comunitária “São Francisco de Assis”. Afirma que está disposta a prestar apoio aos jornalistas e outros defensores dos Direitos Humanos que são vítimas do terrorismo em Cabo Delgado.

No ataque realizado no dia 31 de Outubro, em Muambula, antiga sede distrital, os terroristas invadiram as instalações da Rádio Comunitária “São Francisco de Assis”, que funciona na Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus. O ataque forçou nove jornalistas, incluindo as respectivas famílias, a fugirem para as matas, onde alguns permaneceram durante cerca de dez dias.

Segundo o comunicado, até sábado, dia 14 de Novembro, dois continuavam nas matas, sem comunicação e sem meios de sobrevivência. O ambiente de insegurança que se vive em quase todo o distrito de Muidumbe está a dificultar a deslocação dos jornalistas e das suas famílias para os distritos relativamente seguros, como Mueda e Montepuez. A informação do desaparecimento de jornalistas foi tornada pública pelo

Fórum Nacional de Rádios Comunitárias, que disse que, destes, apenas dois estão contactáveis telefonicamente, mas também estão nas matas à procura de lugares seguros nos distritos vizinhos.

“Informação na posse do FORCOM dá conta de que a maior parte dos jornalistas que se encontram nas matas estão incomunicáveis e a sobreviverem em condições humanamente deploráveis e de insegurança”, lê-se num comu-

visa também apoiar os defensores dos defensores dos Direitos Humanos e do espaço cívico para que tenham maior consciência dos riscos associados ao seu trabalho e das necessidades que têm em termos de protecção.

O estabelecimento da Rede Moçambicana de Defensores dos Direitos Humanos decorreu numa cerimónia que juntou dezenas de defensores de Direitos Humanos na tarde de 6 de Outubro e que

serviu para homenagear Anastácio Matavele, activista, que foi assassinado na cidade do Xai-Xai por agentes da PRM, no dia 7 de Outubro de 2019, durante o período da campanha eleitoral.

Cabo Delgado é alvo, desde há três anos, de ataques armados realizados por terroristas, que já provocaram a morte de cerca de 2.000 pessoas e causaram 435.000 deslocados internos. **(Redacção)**